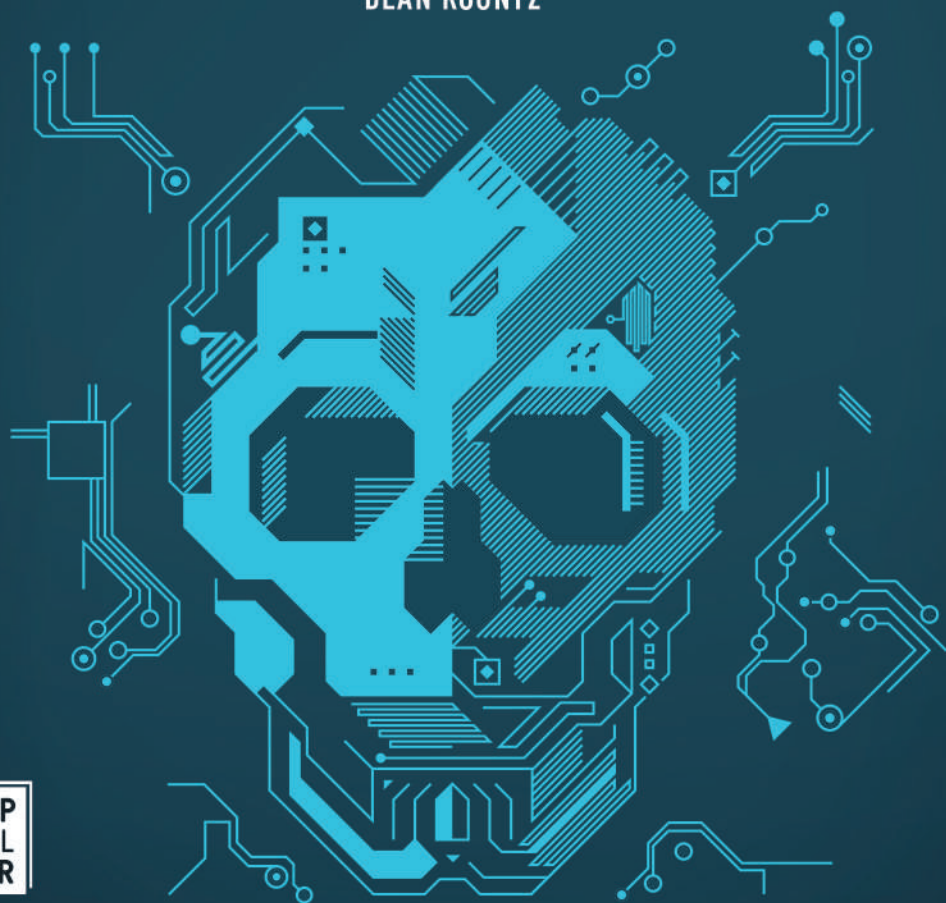


BENJAMIN PERCY

DARK NET

«Um autêntico desfibrilador no coração do leitor. Imaginativo, assustador, com um ritmo rápido e cheio de humor negro.»

DEAN KOONTZ



TOP
SEL
LER

Para Lisa

Se o sopro que avivou tão severo fogo,
Desperto, multiplicasse por sete a sua raiva,
E nos lançasse às chamas; ou de cima
Se erguesse novamente o braço da vingança interrompida
Com a sua rubra mão direita atormentando-nos?

— John Milton, *Paraíso Perdido*

Ciberespaço. Uma alucinação consensual vivida quotidianamente
por milhares de milhão de operadores legítimos em todos os países...
Uma representação gráfica de dados subtraídos aos discos de todos
os computadores no sistema humano.

— William Gibson, *Neuromante*

PRÓLOGO

Hannah não nasceu cega, mas, por vezes, parece-lhe que sim. Tem retinite pigmentosa, a que chama RP. Exemplo: Estou tão farta desta estúpida RP. O que faz a doença parecer um dos idiotas da sua escola secundária, os BG e RJ, que falam demasiado alto e calçam ténis de basquetebol enormes, atiram batatas fritas mergulhadas em mostarda de uma ponta do refeitório para a outra e desenham pilas nos cacifos dos outros com marcador.

Foi diagnosticada aos 5 anos. Tem 12. Mas comporta-se como se tivesse 40. É o que toda a gente lhe diz. «Uma velha alma», diz a sua mãe. «Uma chatarrona», diz a sua tia Lela. Se tivesse um *smartphone*, se tivesse namorados, se passasse tempo no Starbucks e no Centro Comercial de Clackamas, se não deixasse a mãe ajudá-la a escolher a roupa, se não calcasse o passeio com uma bengala estúpida ou usasse óculos escuros estúpidos para esconder os estúpidos olhos que não servem para nada, se conseguisse ver, talvez não fosse uma chata tão grande e talvez se comportasse mais como o resto das malucas da sua idade, com os seus risinhos e os seus litros de perfume em cima.

Começou por não conseguir ver à noite, chocando com as paredes no caminho para a casa de banho. Depois, ficou com a visão enevoadada. A seguir, a visão periférica começou a diminuir, como duas

portas fechando-se muito devagar, durante anos, até restar apenas uma linha de luz vertical com formas coloridas desfocadas passando do outro lado. Se segurasse uma coisa diretamente à frente da cara, conseguia perceber bastante bem o que era, mas, um dia, nos cinco anos seguintes, mais ou menos, a escuridão viria. Passaria a viver numa noite permanente.

O seu caso evoluiu muito depressa. E não havia cura. Era o que os médicos lhe tinham dito. Por isso, a sua mãe rezava. E dava-lhe vitaminas A e E. E restringia a sua ingestão de ácidos fitânicos. Ou seja, nada de laticínios, nada de marisco. Hannah tentou usar um cão, mas era alérgica e fartou-se de lhe limpar a trampa. Visitou uma escola para cegos, mas achou que isso era como desistir, apesar do aglomerado de corpos na sua escola secundária, dos olhos que sentia fixarem-se nela sempre que os BG, BJ ou RJ ocasionais sussurravam uma piada da Helen Keller.

Até que um médico na Universidade de Ciências Médicas do Oregon a contactou acerca de um tratamento experimental. Estaria interessada? Sabia tudo sobre terapia genética e sobre os transplantes de retina que, até ali, não tinham conseguido desenvolver ligações sinápticas com os transplantados, mas não sabia nada sobre aquilo, uma prótese construída por uma empresa do ramo tecnológico com sede em Seattle. Convertia imagens captadas por uma câmara em impulsos elétricos que evitavam a retina exterior defeituosa e alcançavam mil elétrodos na retina interior. Chamavam-lhe *Oculus*.

— É tudo muito *Star Trek* — disse-lhe o médico quando descreveu o dispositivo. Não eram exatamente óculos e sim um escudo prateado que lhe cobria os olhos. Gostou do sotaque indiano do médico, da forma como arrastava as vogais, fazendo as palavras que dizia parecerem delicadamente saltitantes.

A sua mãe receou que as pessoas olhassem e Hannah disse-lhe:

— Já olham. — Pelo menos, passariam a olhá-la com espanto e curiosidade em vez de pena. — Vou ser um ciborgue. Um Exterminador Implacável!

A sua mãe não tinha dinheiro para a cirurgia. Para a remoção das cataratas subcapsulares posteriores e dos quistos com padrão de raios de roda, para a inserção do invólucro, circuitos e antenas na periferia das órbitas. Não importava. A empresa pagaria tudo, desde que aceitasse ser sua cobaia e publicidade ambulante.

Três semanas depois de ter ido à faca, chega o momento de tirar as ligaduras. Chega o momento de ligar o *Oculus*. De ver. O médico diz-lhe que o seu cérebro poderá demorar algum tempo a processar esta nova experiência sensorial.

— Vê as coisas assim. E se te desse um novo par de pulmões que te permitissem respirar debaixo de água? Da primeira vez que mergulhasses num rio e inspirasses, o teu corpo resistiria à sensação, achando que te afogavas. Haverá um pouco disso no início. Um pouco de afogamento. Mas acho que vai passar depressa.

Hannah sabe que o sol é uma bola de fogo amarela. Ainda consegue vê-lo como uma mancha. Mas a imagem passou a ser mais uma sensação de calor que lhe arrepia os pelos dos braços e a faz virar a cara nessa direção. Um pinheiro tem um tronco avermelhado e agulhas verdes, tapando o céu quando estamos por baixo dele, mas, para ela, as sensações que desperta são o cheiro da resina, o toque da casca áspera sob a palma da mão e a brisa soprando por entre os ramos. A visão tornou-se uma abstração, algo que consegue apenas imaginar de forma vaga, como as viagens no tempo ou o teletransporte.

Senta-se na marquesa com o médico inclinando-se sobre ela e a mãe pairando por perto. O médico tenta fazer conversa de circunstância. Pergunta-lhe como vão as aulas, se está entusiasmada, se fará alguma coisa para festejar. Mas Hannah sente dificuldades para responder. Toda a sua atenção está focada nas mãos que puxam, na dor nos olhos.

— Não comemos fora muitas vezes, mas vamos a um restaurante amanhã — diz a sua mãe. — Ao Benedikt's. Almoçar. Com a minha irmã. Escreve para o jornal. Talvez tenha lido os artigos dela. Escreve sobre problemas dos outros, mas acredite que tem muitos problemas

próprios. Seja como for, desde que a Hannah se sinta capaz, é esse o plano.

— Que bom — diz o médico. — Está quase. — A seguir, a última ligadura é tirada e diz: — Pronto.

Uma parte de Hannah sente-se mais leve, mais animada, agora que deixou de estar presa sob toda aquela gaze e adesivo, mas outra parte sente um pânico como nunca sentiu. Era como se, quando o ouviu dizer «pronto», um interruptor de luz se devesse ter ligado dentro da sua cabeça. Porque continua a haver apenas escuridão. Sente o cérebro às voltas. Consegue sentir o pequeno-almoço a erguer-se na garganta.

O médico inclina-se para a frente, levanta-lhe as pálpebras com os polegares e aponta uma luz às incisões ainda inchadas, tocando a ligação.

— Muito bem. Acho que estamos prontos para o *Oculus*.

Hannah usou-o antes, mais de um mês antes. Passou os dedos pelos seus contornos, pelo escudo prateado liso que lhe cobria os olhos. Mas foi só a fingir. Aquilo era real. O médico coloca-o no sítio, puxando o elástico por cima da cabeça e ajustando-lhe o cabelo. Dois altos, quase como pequenos cornos, elevando-se sobre cada têmpora. São os cérebros da coisa, núcleos de microprocessadores. O da direita inclui o pequeno interruptor. O médico pergunta-lhe se gostaria de fazer as honras.

Acena afirmativamente, enche os pulmões para se acalmar e pressiona o interruptor.

— E então? — pergunta o médico.

— Hannah? — pergunta a mãe. — Funcionou? Está a funcionar?

Há um jogo que joga, às vezes. O jogo dos desejos. Diz: «anseio pela nossa viagem à Costa Rica» ou «monto um cavalo pelas Terras Altas escocesas». A seguir, como se um feitiço tivesse sido lançado, uma imagem forma-se. Está numa praia de areia branca com cocos sobre o areal e as barbatanas dorsais de golfinhos arqueando-se numa lagoa. Atravessa uma turfeira, entre névoas rodopiantes, enquanto os cascos do cavalo levantam lama e gaitas de foles vão

ecoando. Por mais dispendioso, distante ou impossível que o sonho seja, o jogo dos desejos torna qualquer coisa possível.

— Consigo ver — diz ela. Já tinha dito aquilo tantas vezes antes, sussurrou-o contra a almofada, contra a gola do casaco, contra a porta do armário, testando as palavras em sítios silenciosos para ver se se estragavam depois de libertadas. Mas daquela vez é verdade. Consegue ver.

É-lhe difícil compreender as imagens. As suas referências limitaram-se aos seus outros sentidos. O que vê é mais como um eco. E, dentro do eco, há outra voz. Há um branco ofuscante por cima e um branco mais esbatido à volta através do qual coisas (pessoas?) se movem. A sua mãe pergunta:

— Consegues ver-me? Hannah?

Vê alguma coisa, mas é a sua mãe? Deve ser. Mas tudo está misturado. Não consegue fundir cores com formas, formas com a distância ou a distância com a textura. Cada informação diferente fervilha temporariamente no seu cérebro, dando-lhe vontade de gritar: «Impossível de processar, impossível de processar!» Era como se alguém lhe tivesse posto uma banana por baixo do nariz, um tubarão à frente da cara, *jazz* nos ouvidos e uma vassoura na mão, dizendo: «Que belo pôr do sol.»

— Não sei — diz. — Não percebo o que é real.

CAPÍTULO 1

Lela olha fixamente para o seu reflexo no ecrã de computador desligado, um vulto negro recortado contra o clarão fluorescente da redação atrás dela. A sua cara parece-lhe um borrão oval com buracos nos olhos e um rasgão como boca, como se olhasse para um espelho assombrado. Leva o telefone até ao ouvido e marca o número do vereador Robert Dahm. Ouve o sinal de chamada. A sua caneta paira sobre um bloco de folhas amarelas. Houve um tempo em que lhe era impossível concentrar-se à secretária, um dos 40 cubículos cercados pelas paredes de vidro das salas de reuniões e gabinetes editoriais do *The Oregonian*, onde trabalhou na secção local durante os cinco anos anteriores. Mas aprendeu a concentrar-se, a domar a sua atenção e a reduzir a ruído branco o zumbido das fotocopiadoras, os apitos das impressoras e aparelhos de fax, os toques dos telefones fixos e móveis, o som das televisões, as vozes levantando-se em redor, tal como aprendeu a tolerar o cheiro a bolor entranhado nas paredes e o sabor a queimado do café da sala de convívio.

Nunca tinha ouvido falar da empresa Undertown, Inc. Foi quem a Câmara Municipal lhe disse ter comprado o Rue Apartments, o edifício de quatro pisos em betão no Pearl District, com demolição marcada há muitos anos e rodeado por uma vedação de rede. O Rue foi uma das suas primeiras grandes reportagens no jornal, quando

ainda era *freelancer*, um texto sobre o décimo aniversário da morte de Jeremy Tusk. Desde então, passou a integrar a redação do *The Oregonian* e Tusk tornou-se um assassino em série célebre. Pesquisar o seu nome no *Google* resulta numa longa lista de resultados, incluindo fotografias de cenários de crime partilhadas de forma ilegítima e teorias da conspiração ocultistas. Há uma exposição que lhe é dedicada no Museu da Morte de Los Angeles e pelo menos dois filmes de terror estreados diretamente em vídeo citaram-no como inspiração.

Lela tem 30 anos. Tinha 24 na época, quando passeou pelo terreno invadido por ervas daninhas, com o complexo de 30 apartamentos de janelas partidas e a árvore de tronco torcido que crescia no interior. No seu artigo, descreveu os corredores ensombrados como sendo «palpavelmente escuros». Descreveu o T2 de Tusk, ainda coberto de fita de demarcação policial, como «semelhante a um túmulo». Citou um detetive como tendo dito: «Se dependesse de mim, pegávamos fogo ao edifício todo, cercávamos isto com arame farpado para que ninguém pudesse entrar. É terreno maldito.»

A secretária do vereador atende e transfere a chamada.

— Lela Falcon? — diz ele.

Ela diz «sim» como se fosse ele quem estivesse a importuná-la. A voz dele, um gemido nasalado, pergunta o que pode fazer por ela naquela tarde.

— Porque não me falou do edificio Rue?

— O Rue... Refere-se à venda da propriedade? Que importa?

— Claro que importa. Sabe que importa.

— Para poder escrever outro artigo a contar como aquele psicopata satânico cortava pessoas aos bocados e fazia cortinas com a pele? Talvez não me agrade vê-la desenterrar essas más recordações todas. Não é bom para a cidade.

— É bom. Claro que é bom. É essa a história. Um novo capítulo. Portland segue em frente.

— Se escrever um artigo a recordar esses pormenores desagradáveis todos, as pessoas ficam incomodadas.

— Não. Não seja estúpido. Está enganado. O ângulo é exatamente o oposto. Edifício novo, cidade nova, nova era. Passarinhos e esperança e toda essa treta feliz.

Parece-lhe que sente o suspiro dele como um sopro no ouvido. Falam durante mais cinco minutos. Devido a uma apropriação fiscal, a propriedade pertence à cidade e a última coisa que ouviu sobre ela foi que transformariam o local num espaço verde, com árvores, arbustos, relva e bancos de jardim. A última coisa que ouviu sobre a propriedade, da boca do próprio vereador, foi que não era «apropriado» lotear a propriedade para uso residencial ou económico devido ao que tinha acontecido lá.

Agora, a cidade de Portland vendeu-a à Undertown, Inc. por uma quantia que não foi divulgada. Uma quantia generosa, diz o vereador, que não podiam recusar em tempo de vacas magras.

— Vai ser um bom impulso. Precisamos de um bom impulso.

— E a construção já começou? Estou a ouvir a história com quantas semanas de atraso? Quem é esta gente? Que vão fazer com o terreno?

Robert não sabe. Qualquer coisa sobre a Internet. Pede-lhe contactos. Quer entrar em contacto com a Undertown. Ouve-o dizer que terá de ser ela a descobri-los sozinha. Durante aquele tempo todo, a caneta dela arranha o papel, tomando notas.

— Sabe... Devia sorrir mais — diz ele.

E ela pergunta:

— Como sabe que não estou a sorrir?

E ele diz:

— Nunca sorri. Pode ajudá-la. Só isso. Profissionalmente. Pessoalmente. Experimente, um dia.

Apunhala um ponto final com a caneta que rasga a página e diz:

— Você é que não me ajuda nada — e desliga. Enfia a caneta na boca e rói-a. O plástico tem já as marcas dos seus dentes. Dúzias de blocos de folhas amarelas rodeiam-na, amarrotados, rasgados, com manchas de café e linhas da sua escrita, quase sempre estenografia ilegível para qualquer pessoa além dela. As pilhas inclinadas que formam estão coroadas com copos de café vazios, pacotes de batatas fritas

e bolas de plástico amarrotado polvilhadas com migalhas de queque. Pregou com pioneses às paredes de esferovite do cubículo uma fotografia sua, sozinha e de pé diante das Cataratas de Multnomah e um calendário de *film noir* com todos os quadrados cobertos de notas sobre reuniões e prazos de entrega.

É pálida, tal como toda a gente em Portland, mas, no seu caso, a pele é particularmente clara e sardenta, o que torna as olheiras ainda mais óbvias. O cabelo ruivo que mantém preso numa trança poderia ser descrito como digno de beata ou de avó, mas gosta de pensar que é clássico. Os homens, normalmente homens em bares que beberam demasiado para saberem o que fazem, chamam à sua cara tudo desde «élfica» a «pontiguda» e «de corça». Não deixa nenhum deles enfiar-lhe a língua na boca, apesar de tentarem. Perdeu de vista o café que bebia (um dos 20 que bebe por dia) e cospe os restos frios de dois copos antes de encontrar o que está morno.

Afasta a cadeira, debruça-se sobre a divisória do cubículo e pede ao estagiário da secção local, um miúdo com acne chamado Josh que estuda Comunicação na Portland State, que investigue.

— Undertown, Inc. Encontra o que conseguires sobre eles.

— Já ouviste falar do *Google*? — pergunta ele. A voz ainda tem aquela estridência adolescente.

Sabe que odeia usar computadores. Todos sabem e ninguém a deixa em paz com isso. Todos acham que é a criatura mais hilariante na história da humanidade. Chamam-lhe ludita. Perguntam-lhe se atualizou o software da placa de argila.

— Faz o que te digo. É para isso que servem os estagiários.

— Está bem.

Um minuto depois, tem o *site* da empresa no ecrã. Diz «em construção».

— Exatamente — diz ela. — Em construção. Mais nada?

— Só isso. Não tem número de telefone. Nem e-mail. Também fiz uma pesquisa ao domínio para ver quem paga o site. Seja quem for, pagou extra para ter anonimato.

— Porque fariam isso? — pergunta.

— Porque são tímidos?

— Tu também não ajudas nada.

Liga para a Câmara Municipal e pede um favor ao funcionário dos arquivos. Promete pagar-lhe um almoço se for ao ficheiro do Rue Apartments e lhe der o contacto do comprador, a Undertown, Inc. Espera com o telefone apertado contra o ombro até o ouvir dizer-lhe um e-mail e um número com um indicativo que não reconhece.

— Não há morada de faturação? — pergunta.

— Não. Pagaram através de intermediário anónimo.

— Qual é o problema destes cabrões? — pergunta.

— Desculpa? — diz ele.

— Nada. Obrigada — grita, quando o auscultador já vai a meio caminho do telefone.

A seguir, obriga Josh a encontrar-lhe informações sobre o e-mail `undertown@hushmail.com` e sobre o número de telefone. Josh olha para o papel com os contactos e diz que não pode.

— Não podes? Não podes porquê?

— O *Hushmail* é um serviço encriptado. E, se for alguém que leve a privacidade a sério, é provável que use a TOR, uma rede dentro de uma rede que desvia todo o tráfego por servidores múltiplos, tornando impossível perceber quem somos ou onde estamos.

— Espera... o quê? Repete isso tudo em inglês, por favor.

— Tradução para troglodita: é um e-mail secreto.

— Porque queriam usar um e-mail secreto?

— Porque têm segredos?

— Está bem — diz ela. — Então pesquisa o telefone.

— Não posso.

— Outra vez — diz ela. — Isto de não poderes. Não gosto.

Ele aponta para o indicativo 473.

— É falso. A maioria das fraudes por telefone usam-no. Não pertence a um sítio real. É o indicativo de nenhures. Provavelmente de um *Blackphone*. Ou usam software de encriptação.

— Como sabes esta porcaria toda?

Atira os braços ao ar e volta a baixá-los.

— Não sei. Tenho amigos que são cromos dos computadores. Não nasci durante a Guerra Civil. *Et cetera*.

— Quem são esses amigos cromos dos computadores?

— Amigo, pronto. Singular. Um amigo meu que é *hacker*. Está muito envolvido com este tipo de coisa.

Diz a Josh que pode ir, mas para não se afastar muito. Pode precisar dele. Mantém a mão por um momento sobre o telefone antes de erguer o auscultador, ouvindo o tom de chamada e marcando o número.

Quando alguém atende, não há um «estou?» ou um «em que posso ajudá-la?».

— Quem fala? — É o que pergunta o homem do outro lado da linha. Tem a voz de barítono marcada por um sotaque que faz a sua boca parecer cheia de vidros partidos. Calcula que será da Europa de Leste. Mas que sabe ela? É jornalista. Uma especialista em nada por saber um pouco de tudo.

Raramente fica sem palavras. Mas alguma coisa na voz, no tom grave e vagamente extraterreno, a perturba. Pressiona algumas vezes o botão que expõe e recolhe o bico da caneta antes de lhe dizer o seu nome e o seu trabalho, perguntando-lhe se não se importará de passar alguns minutos a falar-lhe da Undertown para um artigo que está a escrever sobre o Pearl District e a renovação urbana de Portland.

Ouve suspirar. A seguir, um clique e o tom de chamada que lhe enche os ouvidos como uma sirene.

Desliga e tenta novamente. O telefone toca durante dois minutos e nunca chega ao *voicemail*. Tenta novamente, e outra vez, e mais outra, até sentir a orelha quente com o telefone espalmado.

Deixa cair o auscultador de boa altura. O barulho faz algumas cabeças espreitarem dos cubículos em redor. Estica-lhes o dedo médio e as cabeças voltam a baixar. Pressiona o botão da caneta mais algumas vezes e guarda-a no bolso, pegando na mala, esvaziando o café e pondo-se a caminho da porta.

Os cubículos estão dispostos como uma colmeia cinzenta e navega pelos corredores entre eles. Nota o brilho de ecrãs pelo caminho.

Avista uma jornalista da secção de artes contorcendo o corpo numa pose de ioga e um jornalista desportivo vendo duas televisões ao mesmo tempo. Muitas secretárias não têm ocupante, contendo apenas papel amarrotado ou um teclado partido. Todos os anos perdem mais anunciantes e todos os anos a redacção diminui, obrigando cada jornalista a fazer o trabalho de seis.

Vê-o pelo canto do olho. Brandon, o seu editor. Todos os outros vestem calças de ganga e camisolas, mas Brandon vem trabalhar todos os dias com fato riscado e gravata.

— Onde vais? Lela?

— Vou sair.

Apressa o passo por uma longa fila de arquivos. Um dos secretários da secção desportiva dobra a esquina. Traz uma pilha alta de caixas de pizza *Hot Lips*. Lela espalma-se contra os arquivos e evita-o, atravessando uma nuvem quente de cheiro a *pepperoni*.

O secretário faz Brandon ficar para trás, mas consegue alcançá-la antes de chegar aos elevadores no corredor.

— Vais atrás de quê?

— De uma reportagem.

— É para amanhã?

— De certeza que não, mas pode ser bom.

— Sobre o que é?

— Não posso dizer. É cedo. Dá azar falar nisso.

— Preciso de texto para domingo.

— Aquele sobre o mercado agrícola de outono e os dez quilómetros de Willamette. Vai estar pronto.

— Espero que sim.

Estará, mas à justa. Está atrasada em tudo. Está sempre atrasada, sempre a correr atrás de um prazo imediatamente substituído por outro, e não tardará a perder mais tempo com a família. No dia seguinte, tem um almoço de celebração marcado com a sobrinha, Hannah, a quem está a ser colocada uma prótese de retina. Lela espera que funcione. Pela sua sobrinha, claro, mas também por ela e pela história que poderá escrever.

Poderia apresentá-la segundo vários ângulos. Como interesse humano, se insistir no lado pessoal, como local, se seguir pela inovação na Universidade de Ciências Médicas do Oregon, como ciência, se o ângulo for a explosão nas biotecnologias. Qualquer que seja o ângulo, a história tem pernas para andar, com potencial de primeira página. O tipo de matéria que poderia ser vendida para publicação em jornais de todo o país.

A sua irmã, Cheryl, está sempre a massacrá-la por aquela forma de pensar. «Não consegues pensar em nada que não envolva publicação?», pergunta. «Não te sentes um abutre?» Não. Sim. Que se lixe. A sua irmã nunca compreenderá. Não pensam da mesma maneira. É assim quando se escreve. Tudo é material. Nunca se deixa de prestar atenção. Não há nada que não valha a pena descobrir e processar como artigo. E, se alguém se sentir usado ou magoado, azar. É assim que funciona.

Diante dos elevadores, pressiona o botão de descida e olha para os números formados por pontos vermelhos, fazendo lembrar pontos de sangue na pele, enquanto o elevador sobe até ao quarto andar. A perseguição deixou Brandon sem fôlego e respira de forma audível pelo nariz. Recusa olhá-lo, mesmo que esteja tão perto que consegue sentir o seu odor habitual, misturando *after shave*, *Barbasol* e chá indiano. Odeia a cara dele, o queixo fraco, as sobrancelhas constantemente franzidas sobre o nariz, a testa erguendo-se até à linha de calvície. E odeia a forma como altera os seus textos, a forma como verifica as suas fontes e retira todas as descrições saborosas. O elevador tilinta e as portas abrem-se. Entra e pressiona ao mesmo tempo o botão para o átrio e o botão de fecho das portas.

— Que tal uma continuação da reportagem sobre o coro da OES? Sobre a experiência de atuarem no Carnegie Hall com os coros daqueles liceus privados todos?

— Isso não merece continuação.

As portas começam a fechar-se e Brandon segura-as com a mão.

— Estou a ser pressionado de cima. O inquérito ao leitor diz que as pessoas querem mais reportagens que as façam sentir-se bem.

— Não vim para esta profissão para fazer imbecis sentirem-se bem.

— Então talvez seja melhor mudares de trabalho, Lela. Candidata-te à redação de uma revista.

Lela volta a pressionar o botão.

— Só quando atingir o meu objetivo de te provocar um ataque cardíaco com a frustração acumulada.

As portas começam a fechar e Brandon volta a pará-las com a mão.

— E o desfile do Dia das Bruxas? Estás atenta a isso?

Lela levanta a mão como se afastasse um inseto incómodo.

— Estou atenta. Acho.

— E a tempestade. Sabes da tempestade que vem a caminho da nossa...

As palavras são cortadas pelo fecho das portas. O elevador desce.



Conduz uma velha carrinha *Volvo* que pertenceu aos seus pais. Nunca tranca as portas. O rádio foi roubado há anos, um retângulo preto com fios pendurados. Agora, não resta nada para roubar além de invólucros de pastilha elástica e copos de café. Arrancou o banco de trás para ter espaço para o cão, um pastor alemão chamado *Hemingway*, cujo pelo revestiu o interior da carrinha. Precisa de algumas torções de chave para ligar a ignição. Ouve o telefone vibrar na mala e não se dá ao trabalho de atender, sabendo que será provavelmente Brandon a incomodá-la mais ainda. Não tem um *smartphone*. Os amigos costumam dizer que usa um telefone dos *Flintstones*. É o que o vendedor da *Paradise Wireless* lhe ofereceu cinco anos antes, sem pagar nada. Parece-se um bocado com uma bala riscada. Os números no teclado estão gastos. Quando fala com alguém, é frequente ouvir outras vozes devido a interferências ou a uma antena com defeito que pirateia telefonemas alheios.

Não envia mensagens escritas. Não usa o *Facebook*, o *Twitter*, o *Instagram* ou qualquer outro disparate digital, um dos muitos sorvedouros online que parecem encorajar mexericos e vaidades. Não

quer saber do gato maluco das outras pessoas, do seu bebé feio, das suas férias em Cancun, da refeição que comeram num restaurante etíope, do seu ultraje político, queixas insignificantes ou vitimização competitiva. Não quer que as redes sociais obliterem a sua privacidade ou que anunciantes a massacrem com mensagens de divulgação personalizadas. Há demasiado ruído no mundo e solidão a menos. Todos deviam calar-se e voltar ao trabalho.

Tem um e-mail do *The Oregonian*, mas odeia usá-lo. Prefere fazer telefonemas ou escrever cartas. Gosta de coisas táteis. Poderá ser esse um dos motivos para se ter tornado jornalista: a recordação do seu pai a ler o jornal à mesa da cozinha todas as manhãs, até o seu café arrefecer e até ficar com os dedos manchados pela tinta. No Natal anterior, Cheryl, a sua irmã, comprou-lhe um leitor de e-books e Lela segurou-o com as pontas dos dedos como se fosse alguma coisa bolorenta que tivesse encontrado no fundo do frigorífico. Devolveu-o e usou o dinheiro noutra loja para comprar um canivete *Gerber*, uma faixa para a cabeça e um par de meias *SmartWool*.

Vai a caminho do Pearl District, a área parcialmente industrializada que foi sendo renovada ao longo dos 15 anos anteriores. Há asilos, videntes, sopas dos pobres e tatuadores. Mas, entre as janelas rachadas e as portas entabuadas, há também armazéns convertidos em apartamentos, teatros, restaurantes peruanos, padarias francesas, bares e cafés, tantos cafés, como se a cidade tivesse sido subitamente atingida por um surto de narcolepsia. Velhos edifícios de mármore, de tijolos de cor creme ou vermelha são interrompidos por edifícios novos de vidro que se erguem a grande altura. Chafarizes de bronze, a que chamam *Benson Bubblers*, ocupam quase todas as esquinas, acompanhados por um som de chuva mesmo que não chova.

Um homem ergue-se sobre um caixote. Levanta os braços para o céu e fala sobre a condenação das almas, os tormentos infernais e o fim do mundo. É Verruga, assim chamado devido às verrugas que lhe cobrem todo o corpo. Até a língua, reparou Lela, tem um acréscimo de carne cinzenta na ponta. Veste camadas de roupa negra, camisolas e calças de ganga e casacos que foram cortados, rasgados

e cosidos para parecerem uma capa esfarrapada e complicada. Os corvos fazem-lhe companhia. Há um empoleirado no seu ombro naquele momento e outros dois num parapeito próximo. Uma vez, viu-o num banco de jardim rodeado por 20 ou mais. São os seus olhos, diz ele. Como esporos que lança ao vento para conhecer as notícias da cidade. Lela usou Verruga como fonte em mais de uma ocasião. Por vezes, a rua sabe coisas antes de quem dorme fora dela.

Os passeios estão molhados, tingidos com o mesmo cinzento escuro dos edifícios e das nuvens por cima. É o cinzento de Portland, a cor que define a cidade. O sol tenta forçar a passagem, mas não consegue mais do que ser uma mancha de claridade. A tarde começou pouco antes e, com o fim do movimento do meio-dia, vê-se pouca gente na rua. Uma mulher com calças de ganga de cós baixo e com botas de cabedal pelo joelho passeia um cão minúsculo. Dois *hipsters* andróginos, um deles com o cabelo azul e o outro vermelho, ambos com calças de ganga justas e *piercings* no nariz, aproximam as cabeças num beijo. Avista um sem-abrigo adolescente (é sempre fácil reconhecê-los, quaisquer que sejam as roupas que vestem, pelas mochilas imundas) e um homem de camisola preta falando em tom acalorado para o seu auricular *Bluetooth*. Um autocarro passa sobre poças. Pombos levantam voo de um bordo sem folhas. Dirige-se para o extremo norte do Pearl, entre a Ponte Fremont e a Ponte Broadway, encontrando um sítio para estacionar um quarteirão antes de chegar ao Rue. Antes de sair da *Volvo*, puxa pelo frasco de *Adderall* e tira a tampa. Faz cair um comprimido. A seguir, após um momento de hesitação, faz cair outro. Deixa-os cair no suporte de copos e esmaga-os com o fundo do frasco. Procura no chão um pacote de sumo vazio. Puxa a palhinha, parte-a com os dentes e usa-a para inalar os comprimidos. Os seus olhos enchem-se de lágrimas e tosse. Seria mais fácil engoli-los, sem dúvida, mas gosta da forma como o ardor cerebral a deixa mais desperta quando os inala. Abre a porta, olha para o seu reflexo no espelho retrovisor e limpa o nariz antes de se pôr a caminho. Leva a mala consigo. Tem fundo raso, feita de lona, do tamanho de uma mala de viagem pequena. Graceja que poderia tirar

do interior um candeeiro, um bastão de mola para saltar, cinco anões e um trampolim, como uma Mary Poppins demente. Devido ao peso da mala, começa a caminhar inclinada para a esquerda. Vasculha o interior para se certificar de que tem o que lhe será necessário: caneta, bloco de notas, câmara.

Ouve um comboio MAX a descer uma rua próxima e consegue sentir o cheiro a lodo do rio Willamette, vendo, mais à frente, o espaço cavernoso onde outrora se ergueu o Rue. Abranda o passo. Calça um par de *Keens* de sola dura e o som que provocam batendo no passeio fazem-na perceber como a rua está silenciosa. Nas suas visitas anteriores àquele sítio, reparou no mesmo silêncio, como se algum manto matinal cercasse o quarteirão. Mas tornou-se um estaleiro de obras e deveria estar preenchido com marteladas ritmadas, com o estrondo de materiais sendo descarregados, com o rugido de escavadoras e retroescavadoras.

Um corvo crocita. Olha para cima e vê cinco corvos olhando-a, empoleirados nos fios do telefone, parecendo recortar-se contra o céu cinzento como notas numa velha pauta musical. Acena-lhes e pensa se transmitirão a mensagem a Verruga.

Para diante de uma vedação temporária construída com placas altas de contraplacado à volta do terreno. Há um camião de entulho, duas carrinhas e um atrelado. Quando apura o ouvido, ouve vagamente o que, a princípio, lhe parece um sussurro. Ou respiração superficial. Mantém-se à escuta por mais um momento e percebe que é o som de escavações. Pás cravando-se no solo e terra caindo em carrinhos de mão.

Quando escreveu o artigo sobre o Rue e o seu célebre inquilino, Jeremy Tusk, contactou alguns dos antigos vizinhos, os que estavam dispostos a falar. Disseram-lhe que tinham notado os ruídos muito antes do cheiro. Os sons que revelariam ser de serras em osso, de cutelos cortando articulações. Alguns julgaram que Jeremy seria adepto de trabalhos manuais, um carpinteiro ocupado com algum projeto. Quando a polícia lhe arrombou a porta, encontraram quatro bidões de plástico cheios de ácido fluorídrico com igual número de cadáveres

no interior, dissolvendo-se aos poucos. Havia mais armazenados no frigorífico e no congelador. Dez crânios sorriam nas estantes. E um abajur ligado sobre uma mesa, um casaco pendurado no roupeiro e as cortinas diante das janelas tinham sido cosidos com pele curtida. Havia desenhos a giz e tinta no chão, paredes e teto. Velas negras e vermelhas reduzidas a cotos. Pedras preciosas, ovos, chifres, adagas. Uma máscara de corvo, uma máscara de veado e uma máscara de lobo numa prateleira. Ritualizava o homicídio, contactando um plano de existência mais sombrio.

Lela caminha junto à vedação, passando por cartazes corroídos pela chuva e emaranhados pretos e brancos de *graffitti*. Alguém tinha pintado a *spray* o que parecia uma mão, uma mão direita vermelha, com dentes saindo da palma, sobre a porta. Um cadeado aberto está pendurado do trinco. Retira-o. Empurra a porta, com a mesma lentição e cuidado com que abriu o frigorífico no apartamento de Jeremy há tanto tempo. Ainda lá estava, como se esperasse que alguém viesse ligá-lo, enchendo-o com um litro de leite e um saco de maçãs vermelhas. O interior emitia um cheiro tão profundamente podre que se sentiu enojada durante dias por o ter deixado entrar no seu corpo.

No interior do estaleiro de obras, descobre uma cratera recente com vários andares de profundidade. As paredes são lisas e estão revestidas com betão, pedra, gravilha e barro que parece o músculo vermelho e firme de um coração. No fundo da cova, enegrecidos pela sombra, uma dúzia de homens curvam-se sobre pás ou ajoelham-se com colheres de pedreiro e escovas. Escavam e desenterram, trabalhando entre montes de alturas variadas. Uma escavação arqueológica. Aquilo acontece com frequência. Uma construção começa e um dos trabalhadores descobre um pote feito em cacos ou um propulsor e uma equipa de especialistas da Universidade do Oregon vem de Eugene para fazer a escavação.

Cada monte brilha com brancos, amarelos e castanhos, como se tivesse sido lacado. É nesse momento que identifica os ossos. Erguem-se da terra em emaranhados, enigmas de costelas, fêmures e crânios. Olha para um cemitério e fá-lo pela lente da sua câmara. Tirou-a da

mala, abriu a tampa protetora e rodou o anel de foco sem pensar. É um comportamento entranhado, parte da sua memória muscular. A sua necessidade constante de documentar tudo o que a cativa.

Mesmo que esteja escuro no fundo do poço, desliga o *flash*. Não quer que reparem nela. Ainda não. A câmara emite estalidos enquanto tira fotografias consecutivas, mas nenhum dos homens se vira para ela, concentrados que estão na sua tarefa.

Um deles, pequeno, parecendo quase uma criança, não fosse a face de velho, vagueia entre as sepulturas. Parece tão delicado e diferente dos outros homens encorpados. Calcula que será o supervisor. É tão calvo como um bebé e o pouco cabelo que lhe resta aglomera-se em tufo à volta das orelhas. Diz qualquer coisa numa língua que não reconhece, com palavras repletas de consoantes, a um dos trabalhadores. Uma repreensão qualquer que o faz passar-lhe a colher de pedreiro e afastar-se do monte de terra.

O homem baixo debruça-se e sopra, fazendo erguer-se uma nuvem de pó. A seguir, com precisão cirúrgica, retira o que parece ser um crânio, talvez humano, apesar de parecer demasiado longo. Cai terra dos seus buracos quando o ergue para todos verem. A seguir, leva-o até uma mesa feita com uma placa de contraplacado sobre cavaletes. Junta o crânio a um conjunto de ossos aí dispostos.

Visitou duas escavações arqueológicas em busca de reportagem. Um acampamento do Museu de Ciência e Indústria do Oregon durante uma semana inteira, em busca de vestígios da expedição de Lewis e Clark e escavando uma secção do Forte Clatsop. E um curso de verão da Universidade do Oregon que escavou uma aldeia Paiute em Christmas Valley. Nas duas ocasiões, os locais estavam cobertos com fios cruzados formando uma grelha. Os arqueólogos eram meticolosos com as medidas, exigindo conhecer a localização exata de cada fragmento de obsidiana, lasca de osso e sandália de fibras têxteis que encontravam no chão. Esperara Indiana Jones, mas parecera-lhe mais o desfazer lento de um puzzle tridimensional.

Não era o que acontecia ali. Não havia grelha. Não havia registo de localização. Não havia peneiras. Nem sequer um aluno de

pós-graduação de calções bebendo de uma garrafa de plástico coberta com autocolantes dos Parques Nacionais. Ao invés, o que ali havia era sarilhos. Tinha a certeza disso.

Quem quer que fosse a Undertown, independentemente do que construíssem, não queria que o seu projeto fosse encerrado por aquela descoberta. Por isso, teriam erigido a vedação alta em volta do terreno para se ocuparem daquilo em segredo. Paredes físicas à altura da privacidade assegurada pelas paredes digitais.

Tira mais algumas fotografias, desejando ter trazido a teleobjetiva, desejando poder aproximar-se mais. Há uma passagem subterrânea num canto da cova. Um vazio negro emoldurado por uma porta de tijolo. Talvez uma entrada para o sistema de túneis por baixo de Portland. Não reparou nela até alguém, um homem de barba preta, sair do interior e chamar os outros. Param o trabalho e o homem acena-lhes. Um a um, pousam as ferramentas e seguem-no.

Uma rampa em patamares desce do topo do estaleiro até ao fundo. Lela desce-a sem hesitar. Tenta manter os passos silenciosos, mas os andaimes da armação não estão bem apertados e as tábuas ecoam quando as pisa. Quando chega ao fundo, o ar é mais frio. Tem um sabor bafiento, quase sulfuroso. O ruído do mundo é abafado quase por completo, com a exceção do rugido distante de um avião algures no alto.

Dirige-se primeiro à mesa. Está coberta com terra e ossos amarelados e acastanhados. Tira uma fotografia e estende a mão para o crânio. A sua deformidade é clara. Demasiado longo e estreito, quase como se tivesse um focinho. Imagina que a cabeça de um babuíno ou de um javali serão assim por baixo da pele. Os dentes são tão longos como os seus dedos. Há linhas sobre o osso, algumas direitas, outras curvas, dispondo-se ocasionalmente no que parecem ser padrões pentagonais. Recorda-lhe madeira roída pelos escaravelhos numa árvore, encontrada depois de arrancar aos poucos a casca.

Ouve o homem baixo antes de o ver.

— Não — diz, com voz aguda e rouca. — Não entrar! — Tem a máscara contorcida numa máscara de raiva. Ergue-se à entrada do

túnel, com as sombras envolvendo-o de forma compacta. Lela já parte, retirando pela rampa acima, quando o ouve chamar alguém atrás dele. Não reconhece a língua que fala. Poderá ser latim, como algo saído de uma missa católica? Mas o significado torna-se claro quando outros homens sobem as escadas de pedra.

Conseguiu sair de muitas situações perigosas com conversa. Foi ameaçada com uma faca e uma pistola. Infiltrou-se num antro de heroinómanos, uma sala coberta de *graffiti* com dois colchões imundos e um candeeiro de lava, quando um drogado começou a apalpá-la e parou a mão sobre a bateria da sua câmara escondida. Quando lhe perguntou o que era, Lela respondeu: «Uma bomba de insulina. Tenho diabetes.» A seguir, ofereceu-se para lhe aplicar o garrote no braço enquanto se injetava.

Por vezes, fala-se. Por vezes, luta-se. Noutras ocasiões, foge-se. Decide fugir, correndo pela rampa acima. Há uma dobra a três metros do chão, passando para o segundo piso. Para aí, derrapando.

Em baixo, o homem baixo fala rapidamente noutra língua, transformando a mão numa lâmina e cortando o ar na sua direção. Os homens saem do túnel e correm atrás dela, alguns pegando nas colheres de pedreiro e empunhando-as como facas.

Só naquele momento percebe que ainda leva o crânio na mão. Pousa-o na plataforma. A seguir, puxa um grampo e ergue o fundo da rampa. Metade desliza para fora do andaime. Pontapeia-a, uma, duas vezes, até cair ao chão com um ruído de ar deslocado que ergue uma nuvem de pó contra os seus perseguidores.

Ergue o crânio, com o dedo enfiando-se numa órbita, e pensa em atirá-lo também para o fundo. Qualquer coisa para travar a progressão. Para. Tem fotografias, mas o crânio é uma prova. Algo tangível que poderá partilhar com a polícia e com especialistas. Enfia-o na mala e corre pela rampa acima. A câmara bate-lhe contra o peito. A deslocação de ar e os nervos trazem-lhe lágrimas aos olhos, turvando-lhe a visão dos trabalhadores que se ocupam da rampa caída e do homem de barba preta subindo por uma escada extensível atrás dela.

A DARK NET EXISTE

É um mundo escondido, uma arena anônima e criminosa, nos recantos mais escuros da Web, onde se encontram os piratas de música e filmes, os gestores de *Bitcoin* e os traficantes de drogas ou artigos roubados. A verdade é que todos os nossos computadores têm em si o potencial para chegar lá. Agora, um mal antigo está a ganhar força dentro dela. Se conseguir conquistar a *Dark Net*, pode expandir-se de forma viral para todo um mundo que já não sabe viver offline.

A única esperança de todos os que não sabem o que a *Dark Net* oculta reside em quatro pessoas: Hannah, uma rapariga de 12 anos, que consegue ver sombras à volta de algumas pessoas com a sua nova prótese ocular; Lela, a sua tia, uma jornalista tecnofóbica que acredita estar perante a história da sua vida; Derek, um *hacker* com uma causa, que acredita ser um soldado da Internet; e Juniper, que foi evangelista e sabe da existência do sobrenatural.

Na verdade, nenhum deles sabe o que a *Dark Net* realmente contém, mas estão prestes a descobrir que o Inferno na Terra está a apenas a um clique de distância.

«Há algo de inegavelmente arrepiante na ideia de que o nosso telemóvel nos pode possuir. Quem disse que a ciência e a religião eram incompatíveis?»

KIRKUS REVIEWS

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-51-7



9 789898 869517

Literatura Fantástica